



Recebido: 29/10/2024 | Revisado: 13/11/2024 | Aceito: 14/05/2025 | Publicado: 08/07/2025



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 Unported License.

DOI: 10.31416/rsdv.v13i3.1221

Representações identitárias em *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior

Identity representations in Torto Arado, by Itamar Vieira Junior

LEAL, Daisy de Sá. Ensino Médio Integrado em Informática

Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE), Campus Floresta. Rua Projetada, s/nº, Bairro Caetano II - N4 - Floresta - Pernambuco - Brasil / CEP: 56400-000 / Telefone: (87) 99635-0001 / E-mail: daisy.leal@aluno.ifsertao-pe.edu.br / Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-5349-2122>

SILVA, José Aldo Ribeiro da. Doutor em Literatura e Interculturalidade

Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE), Campus Floresta. Rua Projetada, s/nº, Bairro Caetano II - N4 - Floresta - Pernambuco - Brasil / CEP: 56400-000 / Telefone: (87) 99635-0001 / E-mail: ribeirosilva19@hotmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3549-9908>

RESUMO

A escrita de Itamar Vieira Junior tem como um de seus pontos fortes a tematização de identidades culturais por muito tempo inferiorizadas em meio às relações de poder. Ao tratar da realidade da população afrodescendente, o autor rompe com visões essencialistas a respeito da formação cultural do Brasil para problematizar conflitos e derivas identitárias, de modo a evidenciar a transitoriedade dos processos de identificação como decorrente de violências e imposições ocasionadas por circunstâncias de dominação. Diante disso, este trabalho objetiva analisar representações de processos de identificação cultural no romance *Torto Arado* (2019), do referido escritor, à luz das teorizações de Stuart Hall (2006) e Boaventura de Souza Santos (1997). A análise empreendida demonstra como as forças coercitivas mantenedoras da subalternização da população afro-brasileira contribuem para intensificar negociações identitárias tensionadas pela presença ou ausência do sentimento de pertença que se estabelece por intermédio do diálogo entre subjetividades individuais e experiências coletivas.

Palavras-chave: Identidades culturais, *Torto Arado*, Literatura afro-brasileira.

ABSTRACT

Itamar Vieira Junior's writings has as one of its strengths the thematization of cultural identities that have long been inferior amid power relations. When dealing with the reality of the Afro-descendant population, the author breaks with essentialist views regarding the cultural formation of Brazil to problematize conflicts and identity drifts, in order to highlight the transience of identification processes as a result of violence and impositions derived from circumstances of domination. Given this, this work aims to analyze representations of cultural identification processes in the novel *Torto Arado* (2019), by the aforementioned writer, in light of the theorizations of Stuart Hall (2006) and Boaventura de Souza Santos (1997). The analysis undertaken demonstrates how the coercive forces that maintain the subalternization of the Afro-Brazilian population contribute to intensifying identity negotiations tensioned by the presence or absence of the feeling of belonging that is established through dialogue between individual subjectivities and collective experiences.

Keywords: Cultural identities, *Torto Arado*, Afro-Brazilian literature.



Introdução

Os processos de identificação cultural estão relacionados com os posicionamentos do “Eu” diante de grupos sociais. Em termos gerais, é possível afirmar que sua formação acontece mediante o diálogo entre subjetividade e padrões comportamentais tidos como referenciais para determinada comunidade. Ela ocorre a partir da interlocução entre Eu e Outro. Esse cenário de negociações entre individualidade e grupo social pode ser exemplificado a partir do questionamento sobre a nacionalidade de um sujeito - que obtém como respostas afirmações do tipo “sou brasileiro”, “sou argentino”, dentre as mais diversas nacionalidades possíveis, e implica necessariamente um olhar especular entre construções individuais e coletivas, induzindo ao pensamento sobre pertença.

Nesse sentido, o identitário vincula-se diretamente àquilo que a subjetividade almeja ser e os ímpetos de pertencimento que balizam os seus esforços de autodefinição. Do diálogo entre ser e pertencer, resultam afirmações como: “sou indígena” ou “sou católico”, oriundas de tentativas autocontidas e autossuficientes de definição do “sendo mutável” (Glissant, 2005, p. 33) que é o humano. Sob esse viés, Kathryn Woodward (2014) ressalta que a compreensão de identidade, em si, pode assumir duas vertentes, sendo elas: essencialista e não essencialista. A identidade, definida com base em uma análise essencialista, constitui-se como um demarcador social fixo, visto como enraizado, sem a consideração de suas mudanças no decorrer do tempo. Já a identidade compreendida a partir de uma visão não essencialista tem como pressuposto o fato de que as relações entre os “eus” podem se modificar com o decorrer do tempo, sendo a própria subjetividade vista como “sendo mutável”, para aqui referenciar a feliz expressão de Édouard Glissant (2005). Além disso, essa segunda concepção focaliza as diferenças e dá destaque para as características que os grupos sociais têm em comum, contribuindo para o reconhecimento de suas possibilidades dialógicas.

Stuart Hall (2006) apresenta o conceito de identidade cultural através de um mapeamento de sua percepção teórico-crítica a partir de uma perspectiva cronológica. Suas formulações teóricas contribuem para uma compreensão mais densa de como os sujeitos foram historicamente desenvolvendo a percepção de suas próprias identidades culturais - frente a suas comunidades de origem e aos grupos externos a elas. Para isso, o autor subdivide a análise da questão identitária em três



compreensões de sujeito, a saber: “sujeito iluminista”, “sujeito sociológico” e “sujeito pós-moderno”.

As tentativas de definição do identitário fundamentadas em uma concepção de sujeito iluminista alinham-se ao entendimento essencialista do que são as identidades culturais. Isso porque as análises dessa natureza pautam-se na ideia de uma construção subjetiva ancorada na fixidez, mediada pelo individualismo e amparada na razão. Para os defensores dessa corrente de pensamento, a identidade de uma pessoa é definida ao nascer, de modo que seja desenvolvida ao longo dos anos sem que, no entanto, perca a sua essência; sendo a identidade, portanto, algo de posse natural do indivíduo (Hall, 2006, p. 10-11).

Em segunda instância, tem-se a compreensão do identitário a partir da percepção do sujeito sociológico. Essa corrente de pensamento acredita na identidade cultural para além da centralização do “eu” e da unificação do indivíduo, haja vista o reconhecimento de que este se constitui a partir de relações sociais com outras subjetividades, as quais o conectam com diversos valores individuais. Sob essa ótica, a identidade cultural é formada com base na interação intersubjetiva, estabelecendo uma relação psicológica entre o ser interior e o exterior, representado pela interação com a sociedade. Sendo assim, é possível ressaltar, como principal lastro argumentativo desse pensamento, a concepção de uma formação identitária mediada pelo contexto social em que o indivíduo está inserido, o que diverge da percepção essencialista de que as identidades seriam algo inato (Hall, 2006, p. 11-12).

Já a concepção de sujeito pós-moderno difere radicalmente das duas outras abordagens ressaltadas por Hall (2006) ao mapear os esforços em compreender as identidades culturais. Isso porque, na compreensão pós-moderna, o sujeito não se desenvolve com base em um único elemento que represente a essência de um ser unificado ou de uma comunidade; pelo contrário, ele emerge como descentralizado, ou seja, fragmentado e dotado da possibilidade de assumir diversas vertentes de identificação, por vezes contraditórias entre si. Essas vertentes são construídas a partir de processos históricos que interferem na formação subjetiva, tornando a identidade cultural uma “celebração móvel” (Hall, 2006). Boaventura de Sousa Santos, autor alinhado a essa concepção do identitário, afirma que “nas condições atuais de transformação do sistema mundial, os processos de identificação local são



demasiado diversos para poderem ser monoliticamente avaliados” (Santos, 1997, p. 73), ou seja, as identidades que permeiam o cenário cultural de um país ou região no contexto contemporâneo não podem ser analisadas de forma generalizada, uma vez que resultam de inúmeras transições e negociações de sentido ocorridas ao longo do tempo. Sendo assim, de acordo com o autor, as identidades culturais:

[...] não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas [...] escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso (Santos, 1997, p. 135).

Alinhada ao que Hall (2006) chama de concepção pós-moderna do sujeito, a definição de Santos (1997) ressalta o transitório e o fugaz que se fazem presentes na constituição dos processos de identificação cultural. Os componentes do identitário por ele sublinhados conferem às identidades um caráter fragmentário, resultante das negociações de valores dos indivíduos, mediadas pelo dinamismo das relações sociais possibilitadas pela agilidade do mundo globalizado.

Com o avanço da globalização, as relações sociais desvinculam-se cada vez mais da noção de fixidez e assumem dinâmicas nunca antes vistas, proporcionadas, dentre outras circunstâncias, pela potencialização das interações interculturais. A tecnologia favorece a circulação de ideias e justapõe saberes e fazeres de proveniências muito diversas. Esse conjunto de condições viabiliza o avanço da concepção de sujeito pós-moderno e modifica a compreensão social a respeito do que as identidades culturais representam. Ocorre, dessa forma, como anuncia o trabalho de Stuart Hall (2006), uma mudança de horizontes epistemológicos a respeito do conceito de identidade cultural e isso impacta diretamente a forma como a produção artística e científica passa a lidar com questões identitárias.

Tendo tudo isso em vista, aqui empreendemos uma análise dos processos de identificação cultural representados no romance *Torto Arado* (2019), observando o modo como eles dialogam com as três concepções de sujeito elencadas. Por se tratar de uma narrativa contemporânea, priorizaremos a hipótese de que o texto ficcional está vinculado à compreensão pós-moderna de identidades culturais. Para a



comprovação dessa ideia, optamos pela análise do discurso narrativo atribuído às irmãs afrodescendentes que protagonizam o romance, mas não nos limitamos a avaliar acontecimentos estritamente relacionados às vivências das protagonistas, optando por também observar as situações experienciadas por outras personagens.

Material e métodos

A pesquisa desenvolvida teve caráter bibliográfico e viés qualitativo, como costuma ocorrer no âmbito dos estudos literários. Primou pelo estabelecimento de relações entre as conceituações de identidade cultural, desenvolvidas por dois dos principais estudiosos da temática no cenário contemporâneo, e as construções ficcionais de um dos principais expoentes da escrita literária afro-brasileira atual. Sua execução pressupôs a leitura dos livros: *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006) e *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2009), de Stuart Hall, e *Pela mão de Alice* (1997), de Boaventura de Sousa Santos. Neles, estão condensadas algumas das principais reflexões dos autores a respeito do conceito teórico em foco.

Após a leitura atenta dos referenciais teóricos elegidos, foi realizada a análise do romance *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior, a partir das problematizações detectadas nas teorizações de Hall (2006, 2009) e Santos (1997). A interlocução entre texto literário e reflexão teórica funcionou como potencializadora dos percursos de leitura oferecidos pela obra, possibilitando um trabalho exegético que amplifica a compreensão do romance selecionado como *corpus* da pesquisa, esforço intelectual que este artigo busca sistematizar.

Resultados e discussão

Publicado na segunda década do século XXI, o romance *Torto Arado* (2019), do escritor Itamar Vieira Júnior, apresenta a história da comunidade de Água Negra, a partir do discurso narrativo de três personagens diferentes, sendo elas: Bibiana, Belonísia e Santa Rita Pescadeira. Essas personagens possuem vivências muito vastas e, conseqüentemente, dão conta de transições identitárias muito diversas em seus relatos. No entanto, um afeto fundador as reúne numa mesma trincheira de resistência: o sentimento desvalorização da cultura dos povos africanos e afrodescendentes escravizados ao longo da história brasileira. As três narradoras, por



serem vítimas de um processo de imposição cultural violenta derivada do colonialismo europeu, tiveram seus discursos em alguma medida silenciados e é de um movimento de afirmação identitária, caracterizado pela problematização do direito à voz, que surge o texto literário composto por Itamar (2019).

Torto Arado (2019) é um romance habilidosamente conduzido por três vozes narrativas femininas que se entrelaçam. Suas falas denunciam injustiças sociais presentes na vida dos moradores da Fazenda Água Negra e não só, pois, quando tematizam a exploração dos trabalhadores afrodescendentes de um latifúndio, dão conta dos esforços de sobrevivência, em uma sociedade opressora e grafocêntrica, que obrigam as personagens do romance a inúmeras negociações de caráter identitário.

Conforme já exposto neste artigo, a concepção de sujeito pós-moderno parte do reconhecimento de sua fragmentação enquanto ser social. Diversos fatores podem ser responsáveis por essa fragmentação identitária, tais como: o convívio em espaços marcados por disputas culturais e religiosas, a existência de opressões sociais decorrentes de circunstância de dominação de um povo sobre outros e a influência direta de um grupo nos campos social e econômico. O seguinte trecho de *Torto Arado* (2019) dá conta da convivência das personagens em um cenário em que crenças de proveniências diversas estão em disputa:

Quando Estela e o convidado chegaram à porta da casa de Salustiana, primeiro convidaram para uma oração “para os que se foram” no culto que seria realizado, o que de pronto ela recusou. “Obrigada, mas estou ocupada.” O pastor, um homem que falava alto como se estivesse sempre pregando para uma multidão, começou a falar sobre as imagens de santos depois de ver o pequeno altar da casa. Belonísia bateu os pés, impaciente, com o rosto transtornado pela presença dos dois. Estava com metade do corpo atrás da porta, alerta para fechá-la à primeira ofensa. O homem falava enquanto Estela sorria sem graça, prevendo o fracasso de sua intervenção. Até que ela tomou a palavra. Falou que ali se praticou jarê por muito tempo. Que dona Salu tocava tambor, mas que agora todos precisavam ouvir a palavra de Deus (Vieira Junior, 2019, p. 170-171).

No excerto acima, é possível analisar um cenário de conflitos entre um Pastor cristão e Estela, personagem detentora de domínio sobre as terras em que trabalhadores residem. Salustiana e Belonísia pertencem ao grupo de homens e mulheres residentes na Fazenda Água Negra e se percebem diante de uma circunstância promotora do questionamento dos limites de suas práticas religiosas.



Na cena, tem-se a fusão entre igreja e latifúndio. O líder religioso surge acompanhado de uma proprietária de terras, o que lhe confere certa autoridade diante dos trabalhadores rurais. Estela, por conhecer a comunidade previamente, tem conhecimento sobre as vivências religiosas pertencentes ao jarê, às quais estão vinculadas Salustiana e Belonísia. No entanto, mesmo assim, age como facilitadora do convite para participação nos cultos evangélicos que não fazem parte da expressão da fé das outras mulheres. Nesse contexto, é possível observar o desconforto de Belonísia, diante da insistência para sua inserção em práticas religiosas diferentes das suas. Esse sentimento da protagonista surge acompanhado da recusa para a ida aos cultos do pastor em questão, por parte de Salustiana.

A situação representada por Vieira Junior evidencia o potencial de resistência das comunidades oprimidas frente ao conhecimento religioso alinhado aos interesses de figuras detentoras de poder. Todavia, mesmo com a negativa de Salustiana e com o desconforto de Belonísia, percebe-se uma intersecção de poderes empenhada na disseminação de crenças religiosas no meio social representado. Nesse sentido, a narradora demarca o desejo de imposição de práticas cristãs na comunidade, haja vista o seguinte registro: “precisavam ouvir a palavra de Deus” (Vieira Junior, 2019, p.171), que delata a visão das personagens ocupantes de posições sociais de poder em relação às trabalhadoras. O conhecimento religioso cristão é tido, na ótica exposta, como imprescindível e é tratado como superior ao universo religioso conhecido pelas personagens, mesmo sendo este desconhecido pelo pastor e precariamente conhecido por Estela.

De acordo com Antonio Carlos Magalhães e Rodrigo Portella (2008), “a modernidade representa um abalo ao poderio da religião. Um momento ímpar de imaginar a vida a partir de outros critérios e perspectivas” (Magalhães; Portella, 2008, p. 29). Dessa forma, percebe-se que o incessante processo de questionamento dos princípios que fundamentam as instituições religiosas, somado à reflexão acerca do que, de fato, se pode designar como “verdade”, deságua na reconfiguração das relações entre homem e sagrado, que, se sempre tiveram um caráter singular e se desenvolveram no terreno mais íntimo do ser, adotam uma dinâmica de transformações ainda mais intensa, cujo caráter individual passa a ser bem mais perceptível. Nesse contexto, a “verdade” passa a ser vista como aquilo “que tem sentido para o indivíduo em sua vivência particular” (Magalhães; Portella, 2008, p.



142) e, ao mesmo tempo, a apresentação de princípios religiosos é feita mediante a oportunidade de apresentar pressupostos religiosos que, na visão do sujeito que neles acredita, “precisam” ser disseminados na sociedade. Diante desse cenário de diversidade religiosa, faz-se necessário, como observa Rodrigo Portella, o reconhecimento de que

a relação do indivíduo com a doutrina normatizada como verdadeira por uma instituição religiosa e, por outro lado, com sua versão pessoal/vivencial da doutrina oficial é sempre ambivalente e ambígua, pois o indivíduo, em sua capacidade adaptável de sobrevivência, revelará, como sua, a versão oficial ou pessoal de algo conforme as circunstâncias. E, neste íterim, a pessoa não se vê necessariamente como contraditória ou infiel. Apenas assume a ambiguidade da vida, do ser humano e de suas estratégias de sobrevivência num mundo ao mesmo tempo plural e impositivo de modelos, onde o ser humano se acha na dialética do ser ou não ser e do ser sem ser. E [...] fronteiras doutrinárias de fé funcionam e têm sentido mais na morfologia e semântica das instituições religiosas do que na vida concreta de muitas pessoas, que percebem religião como um todo, ainda que em formas distintas, mas não necessariamente impossibilitadas de cruzamentos e rejuntas (Magalhães; Portella, 2008, p. 143-144).

Ganham visibilidade, nessa conjuntura, os intensos diálogos que se operam entre as diversas tradições religiosas no âmago da consciência humana. Em meio a encruzilhadas, trânsitos e incessantes diálogos, ocorrem os processos de identificação do indivíduo, nos quais, como ressalta Portella (2008, p. 143- 144), surgem as contradições identitárias resultantes da dinâmica do ser e não ser ou, formulando de outro modo, do ser sem ser. O sujeito que atravessa os conturbados embates ideológicos da modernidade é visivelmente plural, sendo a visibilidade de seu caráter múltiplo a grande marca que o diferencia de seus predecessores. Sua formação identitária se dá mediante a incorporação de valores provenientes das mais variadas culturas, uma vez que, no período moderno, a comunicação entre os membros das diferentes esferas sociais se intensifica notavelmente, atingindo um patamar nunca antes visto.

No romance de Itamar, as ações atribuídas a Estela e ao líder religioso cristão que a acompanha pautam-se no reconhecimento de uma diversidade religiosa no seio da qual crenças de origens diversas disputam e dividem espaço e também na confiança em uma determinada doutrina como repositório das verdades religiosas. Por outro lado, observa-se, por parte de Belonísia e Salustiana, um posicionamento



de resistência aos saberes cristãos da forma como lhes são ofertados, que fica explícito quando Salu defende o seu conhecimento religioso, como mostra o fragmento abaixo:

““E tem mais”, completou, “posso não ser curadora, mas ainda sei mexer com feitiço. Posso muito bem dar de comer e beber aos meus guias e pedir pra darem um jeito em muita coisa errada por aqui”, disse, dando as costas e fechando a porta.” (Vieira Junior, 2019, p.172).

O fragmento evidencia a resposta apresentada pela personagem como uma espécie de recusa identitária à tentativa de Estela de disseminar conhecimentos religiosos em sua comunidade. Salu evoca seus conhecimentos religiosos para convencer Estela de que sua religião não é algo superficial e menor se comparada a outras. Para isso, referencia práticas religiosas capazes de promover transformação social e utiliza-as como ferramenta de ameaça para intimidar a proprietária de terras, deixando clara, inclusive, a sua consciência de que há muitos erros a serem reparados na Fazenda Água Negra.

Fica evidente, desse modo, a tentativa de sobreposição de uma verdade religiosa sobre outras, seguida de um revide por parte das personagens no sentido de preservar suas crenças religiosas ancestrais, o que denota as profundas raízes das práticas religiosas adotadas pelos trabalhadores da comunidade rural representada pelo romance. É notória, ainda, a aliança entre igreja e elite econômica a serviço da disseminação de princípios cristãos em comunidades povoadas por descendentes de escravizados. Dela resulta o fato de a imposição de crenças se apresentar como uma ramificação das práticas de dominação estabelecidas, que tem forte impacto na configuração de identidades culturais no contexto social focalizado pela trama romanesca.

Stuart Hall (2006) é enfático ao afirmar que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*” (Hall, 2006, p. 48) (Grifo do autor). Embora o autor formule a frase pensando a relação entre identitário e nacional, ela revela uma compreensão a respeito da formação de identidades também a nível cultural, por deixar evidente a mutabilidade possível na performance representacional dos processos de identificação. Sob esse viés, é importante ressaltar que o enfrentamento de dificuldades trabalhistas e de outras naturezas acentua o deslocamento dos sujeitos



sociais e contribui para modificação de identidades culturais, pois, coloca-os em movimento, expondo-os a diferentes culturas.

Nesse sentido, em algumas passagens de *Torto Arado* (2019), Itamar dá conta dos conflitos subjetivos que se estabelecem entre os indivíduos expostos a situações de vulnerabilidade econômica, como bem evidenciam os seguintes trechos da narrativa:

“Mas gostava tanto de Severo, ele havia iluminado meu horizonte com a possibilidade de uma vida além da fazenda. Era difícil não me deixar seduzir pelos seus planos e entusiasmo.” (Vieira Junior, 2019, p. 58)

[...] precisava dizer a Severo que queria continuar a viver na fazenda, que enfrentaríamos nossos pais, que no fim tudo daria certo. Construiríamos nossa casa perto da casa de tio Servó e tia Hermelina. Era assim que deveria ser quando dois jovens se uniam; construíam sua casa no terreiro da casa dos pais, havia uma comunicação e a espera de uma espécie de consentimento por parte do gerente da fazenda para que começassem a erguê-la. (Vieira Junior, 2019, p.58-59)

Quase desisti nesse exato momento, deixaria Severo partir sozinho, mas a imagem de Sutério levando nosso pouco suprimento, e a fome e o imprevisto que se seguiram para fazermos a refeição mais tarde, me deram a firmeza necessária para prosseguir. Dentre as coisas que levava, e talvez a que mais me machucava, era a minha língua. Era a língua ferida que havia expressado em sons durante os últimos anos as palavras que Belonísia evitava dizer por vergonha dos ruídos estranhos que haviam substituído sua voz. (Vieira Junior, 2019, p.65)

As passagens dão conta da inquietação de Bibiana, umas das três narradoras do romance, em relação a deixar ou não a Fazenda Água Negra, onde sobrevive com a família em condições análogas à escravidão. Em primeira análise, percebe-se a construção de um sujeito que é moldável e indagado a conhecer o novo, mas que, ao mesmo tempo, possui uma resistência a incorporar, em primeira instância, atos que não vão ao encontro de sua realidade, ou seja, adota uma resistência a fazer coisas que são incomuns ao seu ver, pois não fazem parte do seu processo de construção cultural em sociedade. Entretanto, os processos históricos de hierarquização nas relações trabalhistas e sociais são capazes de mudar as atitudes da personagem, uma vez que ela se vê, de certo modo, obrigada a abrir mão do que considera “comum” e que se pode interpretar como algo que fazia parte da construção social do seu “eu”, a fim de encontrar melhores condições de vida, para



adquirir o mínimo, de forma plena: a alimentação. Para que isso ocorra, é necessário um processo de ruptura com o seu grupo social, que foi responsável pela sua construção identitária na religião, na culinária, nas atitudes, dentre outras influências - situação que se pode observar quando ela cita “Era assim que deveria ser” (Vieira Junior, 2019, p.58).

Bibiana é filha de Zeca Chapéu Grande, líder comunitário muito respeitado e detentor de grande influência religiosa entre os trabalhadores. A sua ruptura com as expectativas da comunidade a respeito do seu futuro representa uma quebra nos parâmetros de formação subjetiva vigentes em seu lugar de origem. Os fragmentos narrativos transcritos revelam a sua dificuldade em tomar a decisão de partir e o receio, motivado principalmente por questões afetivas, em optar pela condição de migrante e conseqüentemente romper com pressupostos identitários presentes em sua cultura de origem.

É notório que as identidades culturais representadas no romance firmam-se não só com base em escolhas individuais, mas em um contexto mais amplo de influências (perceptível quando Bibiana cita o seu encantamento pelas palavras de Severo) e limitações (quando a personagem em questão fica abismada após Severo levar o pouco de alimento que possuía). Assim, a decisão definitiva da jovem pela migração ocorre acompanhada pelo remorso decorrente de uma vida cheia de dificuldades, o que evidencia que as transições identitárias são potencializadas por fatores externos aos indivíduos, que agem como condicionantes de suas escolhas.

O romance de Itamar problematiza, desde suas páginas iniciais, a importância do Outro para a construção da subjetividade. Não podemos perder de vista o fato de que um dos primeiros acontecimentos trágicos relatados no texto é justamente a perda da habilidade de falar por uma das irmãs que protagonizam a narrativa. A partir desse marco na história das personagens, Bibiana percebe-se encarregada da expressão de uma voz que não é somente sua, mas intenta exprimir também os anseios de Belonísia, sua irmã emudecida por um acidente:

Deveria se aprimorar a sensibilidade que cercaria aquela convivência a partir de então. Ter a capacidade de ler com mais atenção os olhos e os gestos da irmã. Seríamos as iguais. A que emprestaria a voz teria que percorrer com a visão os sinais do corpo da que emudeceu. A que emudeceu teria que ter a capacidade de transmitir com gestos largos e também vibrações mínimas as expressões que gostaria de comunicar. (Vieira Junior, 2019, p.15)



Mikhail Bakhtin afirma que “o homem não tem um território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha *o outro nos olhos* ou com *os olhos do outro*” (Bakhtin, 2013, p. 323) (Grifos do autor). Sua ponderação ressalta a importância do diálogo com o que é externo, para a formação daquilo que passa a ser considerado interno e na composição da própria mirada subjetiva condicionante das interpretações de mundo protagonizadas pelo sujeito. O ser constitui-se continuamente na interação com sujeitos, narrativas e culturas à sua volta.

A citação acima, do romance de Vieira Junior (2019), demonstra como a experiência de perda da voz vivida por Belonísia interfere na formação identitária de Bibiana. Esta sente-se compelida a aguçar a sensibilidade de modo a se fazer competente para expressar não só os seus anseios, mas os de quem está impedido de enunciar por um acontecimento que mutilou as suas faculdades individuais.

Do ponto de vista identitário, o evento em torno da perda de voz, bem como a responsabilidade assumida pela irmã capaz de falar, de expressar as inquietações silenciadas pelo acidente, apresenta-se como metonímia da missão assumida pelos intelectuais oriundos de comunidades silenciadas pelas desigualdades sociais, das quais o próprio Itamar Vieira Junior, na condição de escritor afrodescendente, é representante. Ainda que seja ser e potência individual, Bibiana, à maneira dos escritores afro-brasileiros, encarrega-se, tal como sugerem os versos de Conceição Evaristo (2017, p. 25) de enunciar “a fala e o ato/ O ontem - o hoje - o agora”. Seu discurso narrativo é afirmação individual de uma subjetividade, mas também se constitui como porta-voz de um grupo, trazendo em si a defesa de modos de ser e viver diferentes dos apresentados como referenciais de civilização pelos sujeitos ocupantes de posições hegemônicas. Nesse sentido, a voz da personagem aponta para a do escritor, comprometido com a trajetória histórica e identitária da população afrodescendente.

O romance deixa evidente a complexidade nas relações identitárias que podem se desenvolver através do convívio entre as irmãs. Bibiana passa a ter como constante a preocupação com anseios situados para além de sua individualidade, exercitando a mirada em direção aos olhos e aos gestos da irmã. Esse movimento da personagem denota o interesse em perscrutar o Outro, interrogando-o dos “gestos



largos” às “vibrações mínimas” em um ato em que o si mesmo é expandido para se constituir identitariamente.

Por fim, a narrativa problematiza as escolhas de vida como fatores que evidenciam o sujeito pós-moderno como perpétua possibilidade. As identidades culturais adotadas pelas personagens aparecem como alvos de questionamento em seus discursos narrativos, pautadas pelo tormento do “e se?”. O discurso narrativo atribuído a Belonísia é elucidativo nesse sentido, pois demonstra as inseguranças da personagem em relação às escolhas por ela já feitas que, em certa medida, interferem na maneira como ela se percebe pertencente a sua comunidade e é por ela percebida como integrante:

Ao vê-lo seguindo pela estrada, senti vontade de que desse meia-volta, voltasse ao meu encontro e pedisse a meu pai para me levar para seu rancho. Queria que cuidasse de mim, eu cuidaria dele. Queria experimentar a vida que Bibiana agora mostrava em sua carta, com sua letra bem desenhada, que levou Salu às lágrimas e deixou meu pai contrariado só na casca, por dentro feito de mel, com uma expressão séria, interrompida por chamadas de luz que diziam o que não soube dizer: ele estava contente por saber que eles estavam bem e que pensavam na família. Senti vontade de que Tobias voltasse naquele instante, quiçá amanhã ou depois, mas que não demorasse a fazer de mim sua mulher também. (Vieira Junior, 2019, p.76)

Aqui, tem-se o registro da insegurança relacionada ao matrimônio. Belonísia acena para o casamento tomando como referencial a felicidade da irmã, as expectativas do pai e a reação de Salú. Até que ponto o casamento é um desejo legítimo da personagem? Até que ponto a condição de casada traduz uma vontade presente em seu íntimo? O fragmento transcrito materializa o momento em que o externo interfere no interno, traduzindo-se em força desejante que motivará as ações posteriores da personagem.

Outro momento emblemático na trajetória de Belonísia, que deixa evidente as formas como negociações identitárias ocorrem na consciência da personagem, refere-se precisamente a um movimento contrário ao presente no excerto supracitado. Já casada, a personagem inquieta-se ao cogitar a possibilidade de romper o matrimônio:

Nessas horas, crescia a vontade de deixar tudo para trás, de voltar para minha casa, mas o que os vizinhos não iam dizer? Continuávamos a frequentar a casa de meu pai nas noites de jarê, todos agora sabiam que eu não era mais “Belonísia de Zeca Chapéu Grande”, e que agora vivia com Tobias, logo, eu era “Belonísia de Tobias. (Vieira Junior, 2019, p.85)



Infeliz com o matrimônio, a jovem sabe que seguir ao lado do esposo não lhe trará felicidade. Entretanto, ao pensar sobre quem é, ou seja, ao indagar-se a respeito de sua identidade, não consegue mais se perceber como “Belonísia de Zeca Chapéu Grande”, pois o olhar do Outro agora legitima a sua existência como “Belonísia de Tobias”, como se ela tivesse migrado da condição de posse do pai para a de propriedade do marido. Em meio a essa aflição da narradora, uma pergunta se faz inadiável: Até que ponto Belonísia pertence a si? Onde termina a sombra do outro e começa a luz de seus dias, em meio a um tecido social que lhe instiga desejos, lhe impõe escolhas e depois rouba-a de si?

Boaventura de Sousa Santos, ao tratar das identidades culturais na sociedade contemporânea, faz a seguinte observação:

Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. (Santos, 1997. p. 135)

A afirmação do autor pode se elucidada pelas transições identitárias experimentadas por Belonísia no romance de Itamar (2019), já que, em seu discurso narrativo, uma identidade aparentemente fixa, como a de mulher, passa por transição significativa ao mudar de estado civil e, na sociedade tradicional representada, essa modificação produz efeitos aparentemente irreversíveis, pois, ao cogitar a separação, a personagem tem consciência de que a visão das pessoas em relação a si não será mais a mesma após o fracasso conjugal. Se hoje é algo comum uma relação matrimonial não dar certo, na sociedade representada por Vieira Junior (2019), essa situação não é bem aceita. Isso reflete a transitoriedade e a fugacidade dos processos de identificação referenciados por Santos (1997).

Conclusões

Itamar Vieira Junior (2019) coloca em cena narradoras muito habilidosas. Ao desvendarem suas trajetórias, Bibiana e Belonísia, como se tentou demonstrar ao longo deste artigo, revelam experiências situadas no terreno do íntimo que fizeram



com que elas se tornassem quem são. Ao fazerem isso, dão conta de inquietações individuais, mas também expressam anseios coletivos e é justamente por isso que o romance analisado se apresenta como texto literário instigante para reflexões de ordem identitária.

Subjugados/as em prol da expansão do capital, os/as moradores/as da Fazenda Água Negra são condenados/as à subalternização, à condição migrante, à subserviência e, em um último golpe inferiorizante, ao convívio com uma história que os/as minoriza, geralmente propagada nas escolas e nos espaços públicos de construção de saber. A reversão desses golpes é somente possível mediante a criação de dicções narrativas que oportunizem a projeção de subjetividades silenciadas pelas relações de poder, e é nesse espaço enunciativo que *Torto Arado* (2019) se situa. A escrita de Itamar Vieira Junior se apresenta como gesto capaz de impulsionar a superação de feridas provocadas pela brutalidade colonial, ainda em carne viva no âmbito do imaginário brasileiro, e discursivamente proporcionar movimentos de busca identitária, inevitáveis em momentos de crise, conforme assinala Bernd (2011, p. 17).

Ao imergir nas palavras atribuídas a Bibiana e Belonísia, o leitor revisita o passado colonial brasileiro e consegue encarar os conflitos identitários ocasionados pela violência derivada de relações de poder. Adentra, portanto, um território em que as vozes aprisionadas nas cozinhas, roças, senzalas e porões de navio ludibriam as facas, superam as forças que lhes impediram a expressão, e podem finalmente falar.

Referências

BAKHTIN, Mikhail M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais.** Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 2013.

BERND, Zilé. **Literatura e identidade nacional.** 3 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Poemas de recordação e outros movimentos.** Rio de Janeiro: Malê, 2017.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade.** Tradução Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.



HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

MAGALHÃES, Antonio; PORTELLA, Rodrigo. **Expressões do Sagrado**. Reflexões sobre o fenômeno religioso. São Paulo: Santuário, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice**. O social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1997.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2014.